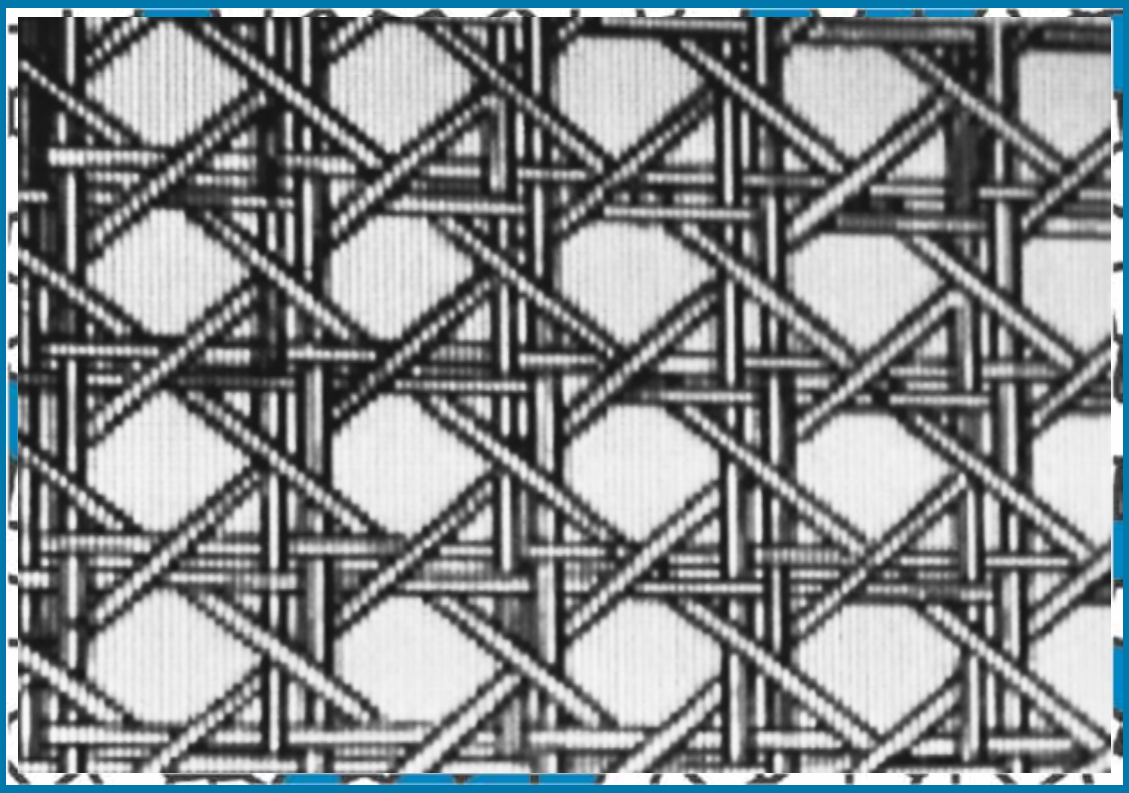
COLEÇÃO DIDÁTICA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO – REDE UFMT

POVO KAYABI/KAWAIWETÉ

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

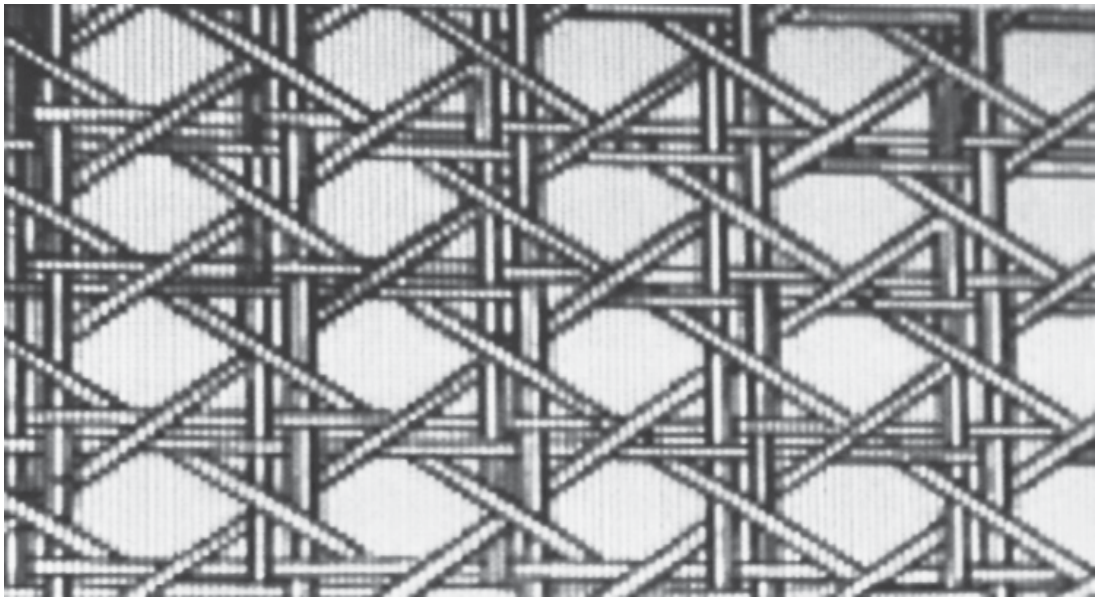
KAWAIWETÉ



Rede
UFMT - UNEMAT - UFR
Cuiabá-MT | 2022

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

KAWAIWETÉ



Rede
UFMT - UNEMAT - UFR
Cuiabá-MT | 2022

Copyright © Universidade Federal de Mato Grosso - MT, 2022.
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Equipe de Execução
Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso
Ação Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso – REDE UFMT

Coordenara Geral
Beleni Saléte Grando

Coordenadora Adjunta
Neide da Silva Campos

Supervisor
Leures Athaide da Silva
Alceu Zoia
André Guilherme Brandão dos Santos

Formador Pesquisador
Micael Turi Rondon
Rosenildo Pereira
Marcio Monzilar Corezamae
Felix Rondon Adugoenau
Lucas Rurio

Formador
Isabel Teresa Cristina Taukane
Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira
Eglen Silvia Pipi Rodrigues
Adriane Cristine Silva

Coordenador da Ação
Darlene Yaminalo Taukane
Caimi Waiasse Xavante
Maria Izabel Rup
Oscar Wa Raiwe Urebete
Ronelia do Nascimento

Edição e Revisão
Beleni Saléte Grando
Neide da Silva Campos
Alceu Zoia
Darlene Yaminalo Taukane
Eglen Silvia Pippi Rodrigues
Isabel Teresa Cristina Taukane
Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira
Ronélia do Nascimento

Diagramação e Arte-final
José Miguel dos Santos
Stephany Giovanna Paipilla Fernandez

Editoria | Distribuição
Ação Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso – REDE UFMT
Grupo de Pesquisa Coeduc/UFMT – www.coeducufmt.org

Tiragem: 400 exemplares

Gráfica: VTPRINTE

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Dados Internacionais de Calalogação na Publicação (CIP)

P912 Práticas pedagógicas e interculturais / Povo Kawaiweté. — Cuiabá: UFMT, 2021.

60 p.; il. — (Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso").

ISBN: 978-65-86743-61-6

1. Povo Kawaiweté. 2. Formação de Professores. 3. Povo Indígenas — Educação. 4. Professores Indígenas — Formação. 5. Saberes Indígenas. 6. Educação — Mato Grosso. I. Título.

CDU 377.8(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

KAWAIWETÉ

MEC/ Ministério da Educação e Cultura
Esplanada dos Ministérios – Edifício Sede – Sala 300 – Cep: 70047-900 – Brasília-DF

UFMT/Universidade Federal de Mato Grosso
Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura/Faculdade de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Educação
Av. Fernando Correa da Costa, 2.367 – Boa Esperança – CEP: 78060-900 – Cuiabá-MT

UFR/Universidade Federal de Rondonópolis
Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Avenida dos Estudantes, 5055 – Cidade Universitária – CEP: 78736-900 – Rondonópolis-MT

UNEMAT/Universidade do Estado de Mato Grosso

Câmpus Universitário de Sinop
Av. dos Ingás, 3001 – Jardim Imperial – Cep: 78555-000 – Sinop-MT

Câmpus Universitário de Cáceres
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu,
Cidade Universitária – Bloco I (Atrás do museu)
Av. Santos Dumont, s/n – Bairro DNER – CEP: 78.200-000 – Cáceres-MT

Câmpus Universitário de Juara
Campus de Juara de Educação - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Rodovia Juara/Bransnorte Km 02 – CEP: 78.575-000 – Juara-MT

Câmpus Universitário de Barra do Bugres
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII)
Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour – Rua A, s/n – Bairro Cohab São Raimundo –
CEP: 78.390-000 – Barra do Bugres-MT

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE EDUCAÇÃO BÁSICA JUPORIJUP
Aldeia Tatuí – Terra Indígena Apiaká/Kayabi – Juara-MT

Coordenadora
Dineva Maria Kayabi

Professores Bolsistas
Anderlei Mani da Silva
Dilma Maria Mani
Lucinda do Carmo Sirayp
Jair Kayani Kayabi
Durcivania Kawit Kayabi
Edelucia do Carmo Tewit
Wilson Sirajup Mendes
Nilson do Carmo Sirayup Kayabi
Rodrigo Sirajup Mendes Tamaná
Renata Sirajup Mendes Tamaná

Bolsista arte visual
Bruna Sirayup Kayabi

Professores colaboradores
Cezarina Krey Leite Tukumã
Esmeraldo Myau Kayabi
Dionisio Maraiup
Arlene Francisca Santana
Raquel Morimã Sirayup

Supervisor de polo
Alceu Zoia

Cordenadora Local
Ronélia do Nascimento

Coordenadora
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Correção final
Dineva Maria Kayabi
Ronélia do Nascimento
Alceu Zoia

Arte textual
Professores e estudantes

Arte-final
Ronélia do Nascimento

SUMÁRIO

ESTA PUBLICAÇÃO POSSUI SUMÁRIO INTERATIVO
PARA RETORNAR AO SUMÁRIO, CLIQUE NO NÚMERO DA PÁGINA EM CADA SEÇÃO

APRESENTAÇÃO 7
MERGULHANDO NOS SABERES E FAZERES KAWAWETÉ 10
IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA 11
CUMPRIMENTOS 17
HISTÓRIAS 21
ATIVIDADES 29
O POVO KAYABI 31
OS MEIOS DE SOBREVIVENCIA 33
NOSSAS DANÇAS 36
LÍNGUA MATERNA 38
A ORIGEM DOS DESENHOS DA PENEIRA 40
A ORIGEM DA ROÇA 45
A MENINA JEROWA'GI 48
A CABAÇA KANAFÕ 49
PIRAKU'I 50
A ORIGEM DA NOITE 52
ALFABETO 53
VAMOS TRABALHAR COM O NOME DAS FRUTAS 55
CÂNTICOS 57

Kanisio Kayabi

Katarina Katumait

APRESENTAÇÃO

COLEÇÃO DIDÁTICA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE/MEC) em Mato Grosso se constituiu em 2016 como Rede de Instituições de Ensino Superior (públicas) com o convite da Coordenação do Programa do Ministério da Educação (Secadi/MEC) sob a coordenação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT de Cuiabá). Para composição da Rede UFMT, as professoras Beleni Grando[1] (PPGE) e Áurea Santana[2] (PPGEL) convidam as professoras Marly Augusta Magalhães da UFMT de Barra, Ema Marta Dunck-Cintra do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT de Cuiabá) e os colegas da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat de Sinop e Juara), professores Alceu Zoia e Waldinéia Ferreira. Em novas composições participaram na segunda edição o professor Maxwel Miranda da UFMT-Barra do Garças e a Professora Eglen Rodrigues, que se manteve no projeto vinculada à Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

Nesta rede interinstitucional, sem sucesso, buscamos muitas vezes efetivar parcerias oficiais com a Secretaria de Estado de Educação e com o Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, mas isso não impediu compromissos assumidos por professores vinculados aos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPROs) de Tangará da Serra, Cuiabá e Barra do Garças, como Hellen de Souza, Neide da Silva Campos e Oscar Wa Raiwe Urebete e às Assessorias Pedagógicas em momentos específicos de Rondonópolis, Santo Antônio do Leverger, Barra do Garças e Cáceres.

---

[1] Professora Doutora em Educação e Pós-doutorado em Antropologia Social, vinculada à Faculdade de Educação Física e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Políticas e Educação Popular, na qual orienta mestrado e doutorado na temática da educação indígena e da educação intercultural e formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura (Coeduc/PPGE/UFMT/CNPQ).

[2] Professora Doutora em Linguística, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na Linha de Pesquisa: História, Descrição, Análise e Documentação de Línguas Faladas no Brasil, na qual orienta Mestrado e Doutorado na temática das línguas indígenas, da educação intercultural e da formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI/PPGEL/UFMT/CNPQ).

Contamos ainda com o trabalho de muitos professores indígenas que atuaram como mediadores institucionais, além de assumirem, conforme os diferentes papeis assumidos no Projeto junto ao SIMEC/MEC: professores pesquisadores, formadores, orientadores pedagógicos e cursistas. E institucionalmente, contamos oficialmente com as Secretarias Municipais de Educação (SEMECs) de Sapezal, com a professora Maria Margarete Valentim e de Campo Novo do Pareci, com a professora Míriam Kazaizokairo.

Como parte do Programa de Formação Continuada de Professores Indígenas o Projeto vinculou-se ao Ministério da Educação a convite da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), a Rede ASIE UFMT, se estruturou em três etapas: a primeira de 2017-2018, a segunda de 2018-2019, esta, de 2020-2021. Em todas foram realizadas formações em parceria com pesquisadoras e pesquisadores das IES, das secretarias de educação e dos povos indígenas envolvidos. Com as formações, os professores indígenas em cada aldeia e escola, elaboraram seus materiais didáticos que foram publicados também em três edições. A primeira assumida pela Unemat de Sinop, MT publicou os livros dos Povos Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku e Terena; a segunda pela UFMT e IFMT, a "Coleção Saberes Indígenas na Escola", com a Editora da UFMT, publicou oito volumes dos livros: Bororo, Balatiponé/Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi-Haliti e Paresi-Waymare, Wakalitesu/Nambikwara e Manoki/Irantxe, e o volume 9 com textos que avaliam o Projeto da Rede UFMT e do Programa ASIE, como política nacional específica para os povos indígenas do Brasil.

As professoras e professores em Mato Grosso, em diferentes funções no Projeto ASIE Rede UFMT, efetivaram ações de forma solidária para além da institucionalização formal, garantiu em parcerias fundamentais de professoras e professores formadores, pesquisadores, orientadores e docentes das escolas indígenas envolvidas a formação em ação e a produção de materiais didático – livros didáticos que atendem aos professores e estudantes das escolas indígenas.

Nesta terceira etapa do Projeto ASIE da Rede UFMT/MEC, constituída pela UFMT de Cuiabá, a Unemat de Sinop e Juara e pela UFR (Rondonópolis), temos o prazer de apresentar a Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso", que resulta deste trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores

indígenas de cada povo que garantiram a organização de livros didáticos que atendem cada realidade, considerando os desafios enfrentados em tempos tão complexos, pois foram elaborados coletivamente dentro do período de pandemia pelo Covid-19.

Essa realidade complexa e cheia de contradições e limitações socioeconômicas e políticas, em 2020 envolveu as pessoas do "Saberes Indígenas" luta cotidiana travada para garantir a vida e a saúde dos anciões e das famílias em cada aldeia, seja com a construção de barreiras sanitárias, com as lutas pela comida, pelo enfrentamento às queimadas e pelo permanente acirrado avanço dos invasores de seus territórios e suas organizações orgânicas, espirituais e políticas tradicionais. Também neste cenário, os professores indígenas enfrentaram em Mato Grosso o desafio das burocracias do controle do trabalho remotamente sem as condições mínimas de acesso aos recursos tecnológicos, a limitação das contratações que agravou ainda mais as condições de sobrevivência digna das redes familiares, o adiamento dos cursos de formação inicial e as mudanças de estrutura de apoio das secretarias de educação no assessoramento necessário para o desenvolvimento das atividades profissionais nas escolas das aldeias.

Os resultados conquistados "a duras penas" por todas as pessoas envolvidas diretamente e indiretamente no processo de elaboração e produção desta coletânea, portanto, explicita a força e capacidade dos "guerreiros da caneta" que mesmo em condições totalmente adversas, efetivaram o Esperançar freiriano, ou seja, não esperaram as condições para fazer, assumiram para si e de forma coletiva, a ação de fazer o melhor e juntas às pessoas de suas comunidades e da equipe de sustentação e apoio fora delas, elaboraram seus materiais didáticos para atender ao desafio de continuar a ensinar e aprender numa perspectiva dialógica dos saberes e das práticas que constituem a sala de aula e a educação escolar em direção dos avanços que as epistemologias indígenas apontam para a Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada, para cada aldeia, para cada povo.

Cuiabá, MT, outubro de 2021

Beleni Saléte Grando
Neide da Silva Campos
Áurea Cavalcante Santana

MERGULHANDO NOS SABERES E FAZERES KAWAWETÉ

"Práticas Pedagógicas Interculturais Kawaiweté", foi organizado com textos e ilustrações elaborados pelos professores indígenas no contexto da atividade do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola no ano de 2021.

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola teve o objetivo de possibilitar a formação continuada de professores das escolas indígenas de Mato Grosso envolvidas nesta ação, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica. Foi oferecido recursos didáticos e pedagógicos que possam atender às especificidades da organização comunitária, no letramento e numeramento intercultural que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas, ofereceu subsídios à elaboração de definição de metodologias e elaboração de materiais didáticos que contribuem com o conhecimento de estudantes indígenas, fomentou a pesquisa que resultou na busca dos saberes dos anciãos e anciãs da comunidade e troca de conhecimento entre professores na elaboração de materiais didáticos, conforme a situação sociolinguística atual da comunidade de acordo com as especificidades da educação escolar indígena.

Os textos apresentam histórias e cânticos tradicionais Kawaiweté da Aldeia Tatui e ilustrado com desenhos, as histórias são práticas da cultura e guardadas na memória dos anciãos e das anciãs, muitos professores tem conhecimento, os cânticos fazem parte da memória e da nossa prática cultural na oralidade, sabemos da importância de ter o registro e a aprendizagem da escrita. O projeto é uma iniciativa do Governo Federal, juntamente com o Ministério da Educação e Cultural, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Rondonópolis e a Universidade do Estado de Mato Grosso.

Ronélia do Nascimento

IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O nosso povo Kawaiweté passou por um processo que, em determinado momento, parecia caminhar para o desaparecimento. O movimento da integração nacional, a convivência obrigatória com dois mundos, a tomada de terras e mudança para o Parque Indígena do Xingu, levou as famílias que vieram para a Terra Indígena Apiaká/Kayabi a conscientização de fortalecer a cultura como instrumento de construção de identidade étnica. Sem a cultura e o conhecimento tradicional nosso povo não é nada, não adianta a luta política, lutar sem a nossa cultura, se os nossos jovens e crianças não sabem os valores, crenças, saberes e a língua materna, se perdermos a língua materna, não vamos ser nada.

A escrita da língua materna ocorre mais na escola, em nossa aldeia tivemos dificuldade porque muitos dos nossos avós e pais foram estudar no Utiariti onde eram proibidos escrever e falar a língua materna, na Terra Indígena Apiaká/Kayabi tivemos aula com religiosas que não conheciam a nossa língua e não era trabalhado em sala de aula. A língua materna passou a ser trabalhada quando os próprios professores indígenas assumiram a sala de aula, os professores indígenas passaram a buscar formação para fortalecer a educação escolar.

Para usar a ortografia da nossa língua muitas vezes buscamos ajuda dos anciãos, queremos produções voltadas à elaboração de materiais sobre a língua materna, para que seja trabalhada nas diferentes áreas do conhecimento. Participar do Projeto ação Saberes Indígenas na Escola possibilitou a inserção de textos escritos e alguns materiais didáticos que são dados importantes para a produção escrita, pois graças à participação dos professores e professoras, anciãos e alunos. Trabalhamos com frases, pequenos textos e cantos.

A língua Kawaiweté é do tronco Tupi, família Tupi-Guarani, as funções da escrita ainda não são dominada por todos no espaço escolar, o aprendizado da língua materna e da língua portuguesa faz

reconhecermos que não podemos escrever o texto, uma história ou um canto da forma como é contada, a escrita de texto ganha características próprias, diferentes da narração oral, não se escreve tudo que se fala, que tem marcas próprias da oralidade.

O objetivo dos materiais produzidos no Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola é fazer os alunos refletirem sobre nossa língua materna, o cuidado para continuarmos cada vez mais dominando a oralidade e a escrita, a intensão de produzir materiais para os alunos é fundamental que os professores reflitam sobre a luta para o fortalecimento e entender a finalidade dos exercícios propostos, os projetos de formação devem levar em conta também, a necessidade de diversificação textual, de produção de textos que levem em consideração questões discursivas próprias, de forma que os professores indígenas se identifiquem com os textos que apresentar para os alunos.

Nesse livro trazemos a cultura material e imaterial, falando sobre a peneira, grafismos da peneira, frutas que são usadas para fazer pinturas corporais, frutas que serem de alimentos, abordando a fauna e a flora por meio de histórias, cantos e textos.

As histórias tradicionais que envolve animais, plantas, rio e o que temos no nosso território, são formas educativas de educar nosso povo, que usamos muito na infância. A cada tempo que passa percebemos que precisamos lutar mais pelo nosso território, fortalecer nossos saberes e nossa língua materna, por ter muitas influências externas, as usinas Hidrelétricas projetadas para a Região e estudos realizados as PCH, a mais próxima é a Castanheira no rio Arinos, estão localizadas em terras nos municípios da região norte do Estado de Mato Grosso que tem a fauna e flora Amazônica que nossas histórias tradicionais representam, histórias contadas que tem a presença de aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, floresta, terra firme, floresta, igapó, varjões, afloramentos rochosos e rio cristalino, corredeiras, cachoeiras e paisagens modificadas e naturais.

Nas histórias tem elementos da roça, as nossas roças são plantados banana, abacaxi, batata, cará, mandioca, milho, amendoim, cana, feijão e outros plantios, são intercaladas com plantações de fruteiras, as famílias plantam em casa mangueiras, coqueiros, jaqueiras, inajá, cajueiros, abacateiros, laranjeiras e limoeiros. Plantamos pimenta e cebolinha em

canteiros suspensos, plantas medicinais na mata são colhidas e frutas que são patuá, buriti, mangaba, pequi, ingá, cacau, cupuaçu, taperebá, jenipapo, tamemuri, maracujá e açaí, a castanha do Brasil. Temos os cipós para confecção de cestos e para amarrar as palhas, palha de babaçu, palha de buriti, folha de sapé, palha de tucum para confecção de abanos, semente de tucum, sementes de macaúba, semente de inajá, arumã, algodão para produção de artesanatos.

Os anciãos e anciãs explicam que o tempo da natureza determina o período em que deve iniciar a derrubada da mata para realização da roça para a produção de alimentos, da mesma forma é o período mais apropriado para a pesca e para a caça. Além deste marcadores de tempo mais amplos, existem outros que numa perspectiva micro, ou menor, são também indispensáveis para conhecer e compreender as atividades cotidianas de uma comunidade, como por exemplo, o tempo das borboletas para os Kayabi. Quando as borboletas começam a aparecer significa que as águas dos rios e córregos estão diminuindo, um sinal de que está terminando o tempo das chuvas e iniciando o tempo da seca. Ao contrário das borboletas, o aparecimento das cigarras cantando, marca o final do tempo da estiagem e o início do tempo das chuvas.

O canto do macuco, uma ave que habita a proximidade dos córregos, marca o início do dia para os moradores das comunidades Kayabi, significa que o dia está amanhecendo. Estes e uma dezena de outros marcadores do tempo oriundo da natureza, presente no cotidiano deste povo, que vem passando de geração para geração, são fundamentais para o conhecimento do meio ambiente local, bem como uma das práticas que mantém forte a cultura e a identidade social e cultural desta etnia.

A madeira de itaúba e peroba para fabricação de casas, canoas, remos, pupunha brava para confecção de arco e ponta de flecha, pau brasil para confecção de borduna e pau d'arco para confecção de arco, geralmente é feito mais de siriva e uma corda ou cipó e as flechas feitas de bambu e possuem penas na ponta para estabilidade no lançamento. É usado o timbó para a pesca na estação de água baixa, quando a diluição do veneno na água é mais rápida e os peixes ficam presos. Esse método consiste, basicamente em ponto do lugar da pesca, para coletar os peixes.

Criamos animais domésticos pode-se citar galinha, bois, cães e animais silvestres que são domesticados como macacos e aves. A maioria deles não é para a alimentação, mas são animais de estimação das crianças.

Os aspectos culturais e rituais, temos o pajé na aldeia e não tem lugar especifico para a prática de cura, o ritual funerário e o local de enterro dos mortos. Quando tem um doente, a comunidade canta junto com o pajé.

As crianças são educadas pela família em casa, aprendem os costumes e os conhecimentos práticos acompanhando, desde cedo, os pais nas suas atividades, observando atividades dos adultos. Os pais carregam os meninos e as meninas ficam mais na companhia das mães, sempre tem alguém olhando as crianças, mas também são muito livres nos seus movimentos e vontades, elas brincam em grupos, são sociáveis entre elas e adultos.

Kawaiweté, meninos e meninas passam por uma reclusão pubertária, cuidados pelas mães e avós, que passam conhecimentos dos ancestrais, esta prática na aldeia Tatui não acontece. O ritual envolve no caso do menino, ferir o corpo com a arranhadeira, uma espécie de pente, confeccionado com dentes de peixe cachorro, tem um regime alimentar e remédios, sob a orientação do pajé. A menina fica reclusa depois da primeira mestruação por um mês ou cinco meses, os rapazes não podem ver, só sai da casa quando é o tempo certo e tem a festa da menina moça.

A educação Kawaiweté acontece nas várias situações da vida e com base no aconselhamento constante dos mais velhos. Quando casam o homem mora com a família da mulher até construir sua casa. As vezes o pai dá opinião para o marido da filha, quando é mais velho não dá conselho, os casamentos geralmente acontecem entre os jovens, os jovens tem autonomia de pescar e caçar, a idade não regula pilotar barco com motor, ter moto e dirigir carro, caçar e pescar.

Atualmente, as lideranças, professores e os jovens estão atribuindo um grande valor aos estudos escolarizados como um meio de fazer frente às mudanças e aos desafios que o povo indígena tem que enfrentar para melhorar suas condições de vida e manter a cultura.

As coisas estão difíceis a cada ano, a cada mudança na politica brasileira, a educação é importante para ensinar a cultura de nosso povo e porque quem não ter estudo, não tem como entender o que as leis falam, os políticos falam e o que está nos documentos, precisa aprender nos estudos e no nosso cotidiano. Precisa estudar para defender os interesses e necessidades de nosso povo

Buscar estudar para apoiar a comunidade, buscar qualidade da escola, ter uma internet melhor e mais professores formados, e estarmos todos envolvidos na vida comunitária, as coisas do não índio vêm para dentro da aldeia, os documentos, as lideranças precisam de ajuda, precisamos alertar e se preparar para amanhã os jovens estarem no lugar deles.

A aldeia Tatui é atendida por uma escola estadual localizada as margens do rio dos peixes, no território Terra Indígena Apiaká/Kayabi, tem três escolas anexas nas aldeias figueirinha, Itú Cachoeira e Kawaip, com 300 alunos, atendendo a educação básica e ensino médio. A escola tem o nome de Juporijup que é homenagem a um cacique.

A escola da aldeia Tatui hoje é de alvenaria, com oito sala de aula, uma cozinha, seis banheiros, área que também é refeitório, sala da direção e a secretaria fica em Juara no prédio da Assessoria Pedagógica, as escolas anexas são de madeira e tem sala de aula. As aulas na aldeia Tatui são nos três períodos e nas anexas em dois períodos durante o dia, a escola fornece merenda feitas por duas merendeiras, o cardápio é composto por produtos industrializados, como: arroz, macarrão, óleo, biscoito e por produtos frescos, como peixe, carne e farinha da aldeia adquiridos com recursos da SEDUC. No entanto, as aulas ficaram paralisadas presencialmente desde 2020 por causa do COVID, e tornamos presencialmente em agosto de 2021, trabalhamos na pandemia com apostilas vinda da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e causou um atraso significativo nos estudos e nos trabalhos do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, tivemos que solucionar esta carência com reuniões de professores em menor números para fazermos os trabalhos.

A escola segue um calendário diferenciado, as aulas se iniciam em fevereiro, trabalhamos a época de fazer a roça e plantio. A escola tem o Conselho Deliberativo Escolar, a educação é bilingue, trabalhamos a

cestaria, pinturas corporais e outros conhecimentos tradicionais. Tudo é vivo e tudo tem um espirito. Portanto, quando se mata um animal, deve-se respeitar e reverenciar o seu espirito. Várias são as recomendações também em relação ao que não deve ser feito para não incomodar o espirito do fundo, que mora no rio, o rio tem uma história.

O sentimento de pertencimento ao rio como um todo não cessa quando uma grande parte dos Kawaiweté se transferiu para o parque indígena do Xingu, ou quando desceram para esse território que hoje moramos. O rio também é um lugar de aprendizado, de formação indígena, temos uma maneira diferente de usar o rio, a terra, não dá para separar o indígena da natureza, as mudanças que vão transformando o rio em uma sequência de comportas, que é o que vai acontecer depois da construção das usinas previstas. Além disso, não há como evitar a grande angústia que a notícia dessas obras provoca nos indígenas, essas obras não vão trazer benefício, e que o que vai se seguir é a destruição da natureza e da cultura indígena.

Considera-se, assim, dentro de um cenário de desenvolvimento da região, que as diretrizes e ações propostas nos estudos de viabilidade e ambientais dos empreendimentos hidrelétricos e na avaliação ambiental integrada serão efetivadas, visando garantir a qualidade ambiental e a manutenção da sustentabilidade das comunidades indígenas presentes na região, tomamos a iniciativa de usar frutas, histórias e cantos. Dentro dos limites da TI Apiaká/Kayabi para fortalecimento de nossos conhecimentos e a língua materna.

Dineva Maria Kayabi

CUMPRIMENTOS

Cada cultura tem uma maneira de fazer uma saudação, um cumprimento. E estas tradições devem ser conhecidas por aqueles e aquelas que prezam em ser parte daquele povo.

É uma saudação que muitas vezes são faladas frases ou uma palavra. Para o nosso povo usamos estes cumprimentos.

SAUDAÇÕES OU CUMPRIMENTOS PARA VÁRIAS SITUAÇÕES

Para alguém que está chegando de outro lugar:

(dono) Pessoa A: Te ereko?

Você está?

(visita) Pessoa B: Je rekoì ‘we.

Estou.

Para alguém que está voltando para aldeia em que ele mora - depois de uma viagem, um passeio ou só caçada:

Pessoa A: Te erejot nø?

Você veio de novo?

Pessoa B: Ojot je no.

Vim de novo.

Para alguém que está chegando na casa (da mesma aldeia):

Pessoa A: Ma’ja are te ereko?

O que é que você quer?

Pessoa B: Ene pyri je ruri.

Vim passear.

ou Ene resaka je ruri.

Vim ver você.

ou Naani. **Nada**

Pessoa A: Ere ejua esoù. **Entre**.

Eapyka **Sente-se**

Pessoa B: Ma'ja te?

O que é isto?

(apontando para uma coisa)

ou Ma'ja ere te jupe?

Como se chama isto?

Nakwaawi je. **Não sei**. (ou, **Não entendo**.)

Para sair de casa depois da visita:

(visita) Pessoa B: Ojot je no.

Já vou.

(dono) Pessoa A:

Ne'we (resposta)

Professores: Wilson Mendes Sirayup e Jair Kayani Kayabi

DIÁLOGO 1

Soo jarepinaetyka 'jaù. **Vamos pescar (um convidando o outro).**

Tene ra'ne. **Espere aí.**

Najemi'wari we je. **Não comi ainda**.

Tene je jemi'wari ra'ne. **Espere eu comer primeiro.**

A'ere soo 'jaù. **Depois iremos.**

Nai'i. Ajemi'wat je ko. **Está bem. Já comi.**

Ejemi'wapaw ire soo 'jaù. **Depois que você terminar de comer iremos.**

Ajemi'wapap je ko. Soo 'jaù. **Terminei de comer, vamos.**

DIÁLOGO 2

A - Ma'ja te ereapo?

O que é que você está fazendo?

B - Ajemi'wat je te'þìna.

Estou comendo, sentada.

A - Ma'ja te ereapo?

O que é que você está fazendo?

B - Apinaetyk je te'ama.

Estou pescando (com anzol), em pé.

A - Ereset te ejupa?

Está dormindo, deitado?

B - Åå. Aset je tejupa.

Sim. Estou dormindo deitado.

A - Ma'ja te ereapo?

O que é que você está fazendo?

DIÁLOGO 3

A - Ereo te?

Você vai?

B - Oo futat je.

Sim, eu vou.

A - Ereo te ra'e?

Você já foi?

B - Oo futat je ko

Sim, já fui.

A - Peset te?

Vocês estão dormindo?

B - Oroset futat ore.

Sim, estamos dormindonando.

DIÁLOGO 4

A - Ereo te?

Você vai?

B - Naani. Nooì je.

Não, não vou.

A - Awþìa te oo?

Quem é que vai?

B - Tee. Nakwaawi je.

Não sei.

Professores: Anderlei Mani da Silva e Jair Kayani Kayabi

Vamos aprender histórias?

HISTÓRIAS

A Cutia e o Macaco

Certo dia, quando o marido da Cutia saiu para caçar, o Macaco chegou de mansinho e já foi conquistando a Cutia fêmea.

Ouve- se então entre os dois um relacionamento sério e chegou ao ponto da Cutia se engravidar do Macaco, com o passar do tempo cada vez mais a barriga da cutia ia crescendo e o seu esposo Cutia muito feliz por acreditar que iria ter um filho.

Num determinado dia novamente o marido da Cutia vai para o mato em busca de alimentos e neste período a sua esposa Cutia sente as dores do parto, e daí então nasce um Macaquinho e não uma Cutia.

O marido ao retornar da caçada pergunta para sua esposa:

— O nosso filho já nasceu?

— Sim, um macho!

— Traz ele pra mim ver.

— Não, ele está dormindo.

No dia seguinte, o marido da Cutia saiu novamente em busca de Tucum e outras frutas para sua esposa e o seu filho.

Ao chegar em casa disse para sua esposa:

— Cheguei! Venha comer as frutas e traz o nosso filho!

— Já vou! Nosso filho acabou de dormir e não quero acorda-lo.

Ao amanhecer do dia o esposo da Cutia retorna para o mato em busca de tucum e outros alimentos.

Quando voltou da caçada ouviu sua esposa dizendo:

— Meu filho dorme, seu padrasto foi no mato caçar alimento para nós e o seu verdadeiro pai macaco também está no mato, mas somente pulando de galho em galho.

Neste momento o marido da Cutia foi se aproximando, e ouviu tudo o que sua esposa dizia para o seu filho, mas não disse nada, falou então para a sua esposa:

— Já cheguei! Venha comer algumas frutas, e trás o nosso filho.

— Não! ele acabou de dormir.

O marido da Cutia ficou muito bravo, e decidiu então ver de perto e com os seus próprios olhos a criança e disse:

— Nossa! que rabo é esse?

— Você me traiu?

— Por isso que você sempre mentia pra mim.

Logo o marido da Cutia pegou o macaquinho pelos braços e jogou no mato.

O Macaquinho sem saber o que estava acontecendo ficou ali sentado, chorando até sua mãe se aproximar e dizer:

— Meu filho, a partir de hoje você pode ir procurar o seu verdadeiro pai macaco na floresta, eu vou ficar aqui mesmo.

Num instante a tia do macaquinho ouviu chorando e disse:

— Acho que jogaram o meu sobrinho para fora de casa.

A tia levou o seu sobrinho até encontrar o seu irmão , pai do macaquinho e disse:

— Eles abandonaram o seu filho, você fica fazendo filho na mulher dos outros, agora é você que vai cuidar dele até virar Homem.

Então a tia, o pai e o macaquinho seguiram juntos na Floresta.

Professores:
Lucinda do Carmo Sirayp
Jair Kayani Kayabi

Desenhos:
Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi

Colaboradores nas pinturas dos desenhos:
Dilma Maria Mani
Bruna Sirayp Kayabi
Anderlei Mani da Silva
Durcivania Kawit Kayabi

Contada a história por:
Cezarina Krey Leite Tukumã

O uso do jenipapo do Urucum

O jenipapo é uma árvore que chega a três e quatro metro de alturas e encontrada na mata, ela serve para ser usada de várias formas e também tingir os cabelos e pintar os corpos são manifestações culturais, bastantes antigas de diferentes povos, e os corantes são naturais extraídos da própria natureza.

O vermelho da pele e dos cabelos dos Kawaiweté é feito a partir do Urucum(vegetal) e a pinturas corporal com gravuras em espécies da tatuagem, que saem com aproximadamente 15 dias, são feitas a partir do jenipapo.

Essas pinturas e os adornos que os corpos recebem não são de utilização diários. Para fazer a tinta vermelha coleta-se o Urucum e também o leite de uma sova que é uma árvore da qual tira-se o leite para misturar com o Urucum, árvore pra misturar com o Urucum.

Para que a massa tenha a consistência cozinha-se o Urucum junto com o leite mexendo bem e no final batendo bastante essa massa com uma colher de pau, dentro da panela.

Quando estiver no ponto retira-se do fogo, esfria, para colocar o óleo de tucum, faz a bola dessa massa e a tinta o óleo do tucum é acrescentando para não deixar a massa estragar serve com um conservante.

O Urucum também é usado para cerimônia para tirar a família do luto pintando o corpo das pessoas que estão em luto, pra estarem participando de festa e reunião na comunidade.

Professora: *Cezarina Krey Leite Tukumã*

Pé de urucum
Fonte: Rodrigo S.M. Tamaná

Pé de Jenipapo
Fonte: Rodrigo Rodrigo S.M. Tamaná

Pintura Feminina
Fonte: Esmeraldo Myau Kayabi

A EXPERIÊNCIA DAS AULAS SOBRE O JENIPAPO

O texto relata uma atividade com o fruto do jenipapo na confecção de tinta a importância de atividade com os alunos e fazer com que eles conheçam e valorizem a cultura da comunidade, aprendam sobre outros costumes e assim, através da escola fortalecer a cultura indígena junto o(a) educando (a). O trabalho foi feito com a comunidade, alunos (as) e professores em etapas. deste a colheita do jenipapo, preparo da tinta para ser usado no corpo, em conversas sobre outros usos do jenipapo.

Teve a orientação de entrar na mata e observar jenipapo até voltar a sala de aula, produzir os desenhos e os textos sempre explicando pelos três professores, os (as) alunos (as), a comunidade. Todos(as) gostaram desse tipo de aula, os (as) alunos (as) participaram bastante e produziram assim vai sendo feita a educação escolar indígena.

Este texto apresenta uma atividade que foi realizada na área dos saberes indígenas. o trabalho e sobre a cultura do povo Kawaiweté/ Kayabi com uso do jenipapo, uma fruta nativa em nossa região. Assim este trabalho foi desenvolvido por três professores da turma primeiro e terceiro anos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, envolvendo ainda várias pessoas da comunidade.

Esta atividade planejada com o grupo ficou responsável por determinada atividade que foi realizada no período de aula durante o COVID.

Estudante: *Kassit Kayabi*

Fruta do jenipapo

Fonte: Bruna Sirayup Kayabi

Ralando o jenipapo

Jenipapo ralado

Tinta do jenipapo

Fotos : Bruna Sirayp Kayabi

ATIVIDADES

1 Uma árvore de jenipapo dá pelos menos 190 frutas, caiu 84 frutas de jenipapo. Quantas restam ainda em cima?

_____

_____

2 A turma 8° ano, tem nove (9) alunos cada aluno recebeu 37 frutas de jenipapos. Quantas frutas de jenipapos a turma do 8° ano recebeu?

_____

_____

3 Quantos pés eu preciso para alcançar 1000 frutas de jenipapos? Sabendo que um pé das 190 frutas. quantos eu preciso?

_____

_____

4 Uma fruta de jenipapo pesa 85 G, quantas frutas eu preciso pra chegar 5kg? Marque a sua resposta.

a) 10 **b)** 8 **c)** 6

CÁLCULOS

O pé de uma árvore no cerrado,
mas se encontra no mato bruto também
Fonte: Rodrigo Sirajup Mendes Tamaná

5 Onde é encontrado o pé do jenipapo?

_____

6 Quem pode tirar a fruta do jenipapo?

_____

7 O fruto serve pra alimentação ou só pra pintura?

_____

8 Desenhe um pé de jenipapo: e um pé de urucum:

O POVO KAYABI

O povo Kayabi do rio dos Peixes estão localizado no município de Juara-MT, na Terra Indígena Apiaká/Kayabi. De acordo com Grunberg (2004), em 1955 havia na aldeia Tatui cento e oito pessoas que viviam na margem esquerda do Alto Tatui, em cinco malocas, distantes quatro a sete quilômetros uma das outras. Em 1955 aconteceu o contato que não foi muito bom para o povo, pois, o contato trouxe várias doenças como a gripe, sarampo, coqueluche e como não havia remédios na aldeia para esses tipos de doenças, muitas pessoas morreram.

Hoje na aldeia Tatui, somos apenas 396 pessoas e isso vem aumentando a cada ano que passa. Esse crescimento é muito importante para a comunidade porque fortalece o povo. Tem Kayabi também no Pará e no Xingu, então, nosso povo está em dois estados do Brasil; Mato Grosso e Pará. A língua materna é da família do tupi-guarani, a terra ancestral é o batelão.

Professora: *Renata Sirajup Mendes Tamaná*

ATIVIDADES

1 Você sabe qual é o territorio originário do povo Kayabi?

_____

_____

_____

2 Quando aconteceu o primeiro contato do povo Kayabi com os não indígenas?

_____

3 Em quais estados vivem o povo Kayabi?

_____

_____

4 Qual o nome da Terra Indígena em que você mora?

_____

5 Pesquise com seus pais ou um ancião como o nosso povo veio morar na Terra Indígena Apiaká/Kayabi?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

6 Na sua opinião qual a importância do registro da história do povo Kayabi?

_____

_____

_____

_____

7 Quem tem a responsabilidade de ensinar as histórias do nosso povo e quem tem que fazer o registro?

_____

_____

_____

_____

_____

OS MEIOS DE SOBREVIVENCIA

O povo Kayabi que mora na Terra Indígena Apiaká/Kayabi vive do que planta na roça, os plantios mais cultivados são mandioca mansa, mandioca brava, margarito, cará, feijão, milho, amendoim, e outros.

Também fazemos a caça de muitos animais como a paca, anta, queixada, porcão, o macaco, macuco e outros. Da pesca vive-se no processo alimentar de pacu, trairão, chinelo, pintado, cachorra, curimba, matrinchã, piau e pacuzinho.

Desses alimentos que são tradicionais do nosso povo Kayabi, a alimentação da roça são assados, cozidos ou feito mutap. O mutap é um preparado de mujica feito de diferentes caças e pesca. Sobrevive-se dos frutos silvestres como açai, patoá, cacau do mato, buriti, castanha, pariri e ingá.

Dentre os vegetais de extrativismo indígena, a castanha do Brasil tem sido muito importante para a sobrevivencia, porque atualmente são comercializadas. Também se adquire renda com a produção e a venda de artesanatos, que são feitos com os recursos naturais, como sementes, penas, ossos, madeira, etc.

ATIVIDADES

1 Qual é a alimentação tradicional que você mais gosta?

_____

_____

2 Qual o nome da fruta silvestre que tem cinco letras e começa com a letra P?

_____

_____

3 Quais as frutas silvestres que fazemos suco ou vinho?

_____

_____

4 Desenhe e escreva o nome de 03 frutas silvestres que usamos na nossa alimentação.

5 Das frutas que você desenhou, nos dias atuais são fáceis de encontrar na região onde você mora?

6 Quais animais mais utilizados na alimentação?

7 Quem são responsáveis para ir caçar?

8 Quem prepara a roça?

9 Quem vai colher os alimentos da roça?

_____

_____

10 Quem prepara os alimentos para comer?

_____

_____

11 Quais alimentos da roça você mais gosta?

_____

_____

12 Quais os peixes mais usados na alimentação do povo Kayabi?

_____

_____

_____

_____

13 Encontre os nomes dos artesanatos feitos pelo povo Kayabi:

B	O	R	D	U	N	A	Z	W	C	O	L	A	R	Q	B	U	P
S	T	E	K	I	P	R	E	M	O	U	S	N	M	G	R	Z	E
U	Y	D	O	H	R	C	U	I	A	V	F	É	A	L	I	G	N
X	C	E	S	T	O	O	V	U	H	J	K	L	R	I	N	D	E
B	A	T	Ç	B	R	A	C	E	L	E	T	E	A	K	C	P	I
E	N	C	H	O	C	A	L	H	O	W	I	Z	C	Q	O	B	R
C	O	C	A	R	L	A	N	Ç	A	P	A	B	A	N	O	F	A
Z	A	B	A	T	A	Y	F	L	E	C	H	A	M	R	X	T	E

NOSSAS DANÇAS

As práticas tradicionais são muito fortes, entre elas a vivência de danças com a participação da comunidade. As danças mais praticadas são o Jawosi e Kawaiweté.

Elas são as danças tradicionais do povo, o Jawosi é a dança dos velhos e o Kawaiweté é a dança dos novos. Na aldeia Tatui a mais dançada é a Kawaiweté.

Na dança do Kawaiweté todos participam, para esta dança é feito a pintura corporal em todas as pessoas. A revitalização desta dança foi realizada pelos professores da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup.

Os professores dançam com os alunos e pessoas da comunidade, é dançado de duas formas, em roda e em fileira, também fazemos muitas apresentações na aldeia e fora da aldeia.

O povo indígena na sua grande maioria tem escolas em suas comunidades, mas, muitos saberes fazem parte do dia a dia da comunidade e são passados de geração a geração pela oralidade e a prática. O povo Kayabi como muitos outros povos indígenas tem a tradição oral e não tem muitos registros dos saberes tradicionais. Os registros ficam na memória das pessoas e se deixar de práticar podem deixar de existir.

Professora: *Edilucia do Carmo Tewit*

ATIVIDADES

1 Na sua opinião qual a importância de manter a cultura viva?

_____

_____

_____

2 Você conhece alguma atividade que está relacionada a cultura do seu povo sem ser a dança?

_____

3 Você participa das danças em sua comunidade?

_____

_____

4 Na sua comunidade, você acha que a maioria da população tem conhecimento da importância das nossas danças?

_____

_____

_____

_____

_____

5 Faça o desenho de 03 atividades culturais praticadas na sua comunidade.

LÍNGUA MATERNA

O povo Kayabi tem a língua materna do tronco tupi-guarani, antigamente o aprendizado da língua materna era somente pela oralidade, as crianças aprendiam desde pequenas a falar a língua Kayabi e não tinham contato com a língua portuguesa.

A língua portuguesa passou a ser usada pelos Kayabi quando teve contato com os não indígenas, quando passou a existir escola para nosso povo, os professores não ensinavam a língua materna, as aulas eram usada a língua portuguesa e foi negativo para nosso povo.

Ser educado em outra língua que não a materna pode ter um impacto negativo na aprendizagem das crianças e jovens, essa é uma realidade que atinge muitos povos indígenas no Brasil.

Os povos indígenas em sua maioria vivem em contato com a sociedade não indígena, precisa ter contato para lutar pelos seus direitos na saúde, educação e defender o território, a língua usada para é a portuguesa, porque temos uma diversidade de línguas no nosso país dos povos indígenas.

O povo Kayabi da Terra Indígena Apiaká/Kayabi busca o fortalecimento da língua materna na escola e na comunidade, porque a nossa língua materna é a identidade étnica. Professores, pais e a comunidade precisam reconhecer a importância do ensino da língua materna e a escola trabalhar nos anos iniciais.

Junto com a comunidade os professores podem estar produzindo materiais nas duas línguas, a língua materna e a portuguesa para trabalhar em sala de aula, para facilitar o ensino na escola.

ATIVIDADES

1 Faça a escrita por extenso dos seguintes numerais na lingua materna, começando do 0 a 10.

_____ _____

_____ _____

_____ _____

2 Pesquise e faça a versão das seguintes palavras passando para a língua materna.

a) Casa _____
b) Batata _____
c) Cabeça _____
d) Perna _____
e) Mulher _____
f) Velha _____
g) Rio _____
h) Canoa _____
i) Roça _____
j) Milho _____
k) Estrela _____
l) Agua _____
m) Arara _____
n) Onça _____
o) Amendoim _____
p) Anta _____
r) Homem _____
s) Lua _____
t) Pedra _____
u) Cabeça _____
v) Peixe _____
w) Árvore _____
x) Peneira _____
y) Mão _____
z) Mandioca _____

3 Na sua casa quais desses números que listou, representa a quantidade de pessoas que moram com você?

_____

4 Escreva na lingua materna a idade da pessoa que tem a menor idade de sua casa.

_____

Professor: *Dionisio Maraiup*

A ORIGEM DOS DESENHOS DA PENEIRA

De acordo com as histórias ancestrais contadas pelos anciãos de nosso povo, a origem dos desenhos da peneira se deu da seguinte forma, existia um homem chamado Wuy´wapiaret que morava no Batelão , certo dia ele chamou seus amigos para organizar uma viagem pela mata em busca de materiais para fazer fecha.

Nesta viagem foram nove homens com Wuy´wapiaret, saíram pelo mato, andaram muitos quilômetros, atravessaram o rio Teles Pires e foram parar na região onde hoje é o Parque Indígena do Xingu.

Durante essa viagem todos os companheiros dele morreram um por um, porque eram atacados por animais, por bagre venenoso dentro dos córregos, muriçoca grande que chupava o sangue, cobra facão que cortava a pessoa, outros animais e insetos.

Ficou vivo somente o Wuy´wapiaret, porque era prevenido e sabia se cuidar dos perigos, quando ia dormir fazia um cercado com varas para se proteger de animais bravos. Ao ficar sozinho na mata continuou em busca, chegou no rio Cana Brava que hoje é chamado de rio Xingu, começou a procurar um meio de atravessar para o outro lado do rio, andou pela beirada do rio e apareceu um pássaro chamado jaó.

Ao ver o jaó, Wuy´wapiaret perguntou como o pássaro estava e o jaó respondeu que estava bem e o homem ficou por ali perto, quando anoiteceu pediu para deitar perto do jaó, mas o jaó disse que sua rede era pequena e as cordas eram finas, não aguentaria o peso.

Wuy´wapiaret insistiu falando que fazia meses que estava andando no mato, sem deitar em rede, e o jaó falou para ele deitar na beira do fogo para esquentar seu corpo. O Wuy´wapiaret continuou insistindo e o jaó negando, até que o homem deitou na rede e as cordas arrebentaram, o homem caiu no chão e o jaó voou levando fogo e a rede, atravessou para o outro lado do rio e ficou assobiando para Wuy´wapiaret, mas o homem não atravessou o rio porque estava escuro e no outro dia de manhã começou a gritar.

Gritou tanto que apareceu um urubu, pousou perto do Wuy´wapiaret e perguntou o que ele queria e Wuy´wapiaret respondeu que estava procurando alguém para atravessar o rio. O urubu disse que ajudaria ele a atravessar o rio, o homem pediu para o urubu pousar em um barranco limpo e o Wuy´wapiaret observou que o voo desse pássaro era muito estranho, e falou que não iria com ele e o urubu foi embora.

Assim que o urubu foi embora Wuy´wapiaret voltou a gritar por ajuda, apareceu um pássaro chamado mutum, conversaram sobre a travessia do rio e o mutum se prontificou em ajudá-lo. Wuy´wapiaret pediu para o mutum voar que queria ver como era o seu voo, o mutum voou e pousou na boca de um camarão enorme, que o engoliu.

Wuy´wapiaret voltou a gritar pedindo ajuda, um jacaré borbulhou na água e boiou, perguntando o que ele queria, o homem explicou que queria atravessar o rio e o jacaré disse que o atravessaria.

Wuy´wapiaret pediu para o jacaré atravessar uma vez para ele ver, colocaria um pau seco em cima do jacaré e assim fizeram. O jacaré saiu com o pau seco nas costas até chegar do outro lado do rio, voltou com o pau seco nas costas e falou que o homem podia subir em cima dele.

Wuy´wapiaret sentou em cima do pau seco, quando estavam no meio do rio o jacaré pediu para que o homem o xingasse, falasse dos seus olhos, do seu corpo. Wuy´wapiaret não quis xingar porque achou o jacaré muito bom em ajudá-lo.

Quando chegaram da beira do rio, Wuy´wapiaret saiu de cima do jacaré e pulou em cima de um galho de árvore e começou a xingar o jacaré, o jacaré ficou bravo e começou a bater a calda no chão e pulou na água porque não podia pegar o homem e comer.

Wuy´wapiaret começou a caminhar até escurecer e apareceu um sapão muito grande, e resolveu entrar de baixo do sapo para se proteger, quando deu meia noite, o sapo virou a cara para o rumo da aldeia de Wuy´wapiaret e falou o nome do rio próximo da aldeia.

Quando Wuy´wapiaret ouviu aquilo, começou a fazer várias perguntas e o sapão não respondeu e saiu pulando. No outro dia bem cedinho, Wuy´wapiaret saiu no rumo que o sapo apontou, andou, andou e andou muito, ficou de noite, arrumou o acampamento para dormir perto cupinzeiro. Deu dezenove horas e o cupinzeiro começou a falar

e Wuy´wapiaret sentiu medo, mas o cupinzeiro não calou, continou falando a noite toda até amanhecer o dia.

Wuy´wapiaret levantou e olhou para o cupinzeiro que estava calado, ele continuou sua caminhada até ficar de noite, fez acampamento e deitou, começou a ouvir uma voz, era de uma taquara ao lado de onde estava deitado, ela conversou até amanhecer o dia.

Bem cedo Wuy´wapiaret levantou e olhou ao redor e viu uma taquara, pegou sua faca feita de pedra e cortou dois metros da taquara e caminhou de novo para o rumo da sua aldeia até a noite chegar. Fez o acampamento e deitou, poucas horas depois ouviu uma voz conversando até amanhecer o dia, quando ele levantou olhou e viu uma árvore chamada araity, usada pelo povo Kayabi/Kawaiweté para tirar cera que serve para colar enfeite na flecha.

Wuy´wapiaret aproveitou e tirou a cera, continuou a caminhar até anoitecer, fez o acampamento e novamente ouviu uma voz conversando até amanhecer o dia, levantou e viu o cará, conseguiu arrancar muito cará neste lugar, fez um cesto e colocou os carás dentro para carregar em sua viagem, continuou andando e chegou em uma aldeia.

Nessa aldeia morava uma cobra, Wuy´wapiaret deixou suas bagagens no caminho e entrou em uma casa grande, caminhou até o meio da casa e não viu ninguém. Mas a cobra estava atrás dele e fechou a porta e apareceu muitas cobras grandes dentro da casa.

Wuy´wapiaret ficou assustado e falou todos os nomes de bichos para a cobra e ela falava que ela comia todos aqueles bichos, ficaram assim até anoitecer e muitos bichos começaram aparecer e Wuy´wapiaret falava os nomes de cada um, por exemplo: anta, veado, cutia, paca, para que viessem salvar ele da cobra.

Amanheceu o dia, o gavião makawã cantou e a cobra não ficou com medo, quando o gavião makawã cantou de novo a cobra se afastou da porta e Wuy´wapiaret correu, pegou um pedaço da pele da cobra que ela usava para enfeitar a casa que parecia uma peneira desenhada.

Wuy´wapiaret seguiu a viagem até chegar em sua aldeia, foi para sua casa e não encontrou sua mulher e umas pessoas falaram para ele que sua mulher tinha casado com outro homem, ele foi até a casa onde sua mulher estava morando com o homem e presenteou o homem com a

taquara. Na hora que sua mulher lhe viu, não quis mais o outro marido e voltou para ele.

O homem ficou tão bravo porque a mulher não queria mais ele e ficou xingando Wuy´wapiaret e tocando flauta, mas Wuy´wapiaret não ficou com raiva do homem e disse que quem não caça fica só em casa engordando perde tudo.

Foi assim que o povo Kayabi/Kawaiweté descobriu os desenhos das peneiras, que até hoje fazemos. Além desses desenhos de peneiras, esse homem descobriu flecha wuy'wa'a que é usada no Xingu e a cera para colar os enfeites nas flechas, a taquara que é usado na festa como flauta e na ponta da flecha que é para caçar, o cará que é o produto que plantamos na roça, foi essas coisas que wuy'wa pearerangã descobriu para o povo Kayabi/Kawaiweté.

Assim termina essa história que o avó Piu contou para Kassit Kayabi e hoje tem a oportunidade de compartilhar essa memória ancestral, para servir de referência para os professores e alunos/os da E.E.I.E.B. JUPORIJUP.

Estudante e Professoras:
Kassit Kayabi, Renata Sirajup Mendes Tamaná e
Raquel Morimã Sirajup

ATIVIDADES

1 A história fala da viagem de um homem, como é o nome dele?

_____

2 Quantos animais o homem encontra pelo caminho?

_____

3 Por que Wuy´wapiaret fez essa viagem?

_____

_____

4 Você conhece os desenhos que são feitos na peneira?

_____

5 Conte quais os nomes dos desenhos?

_____

_____

_____

_____

6 Quais os materiais usados para fazer a peneira?

_____

_____

_____

7 Para quais trabalhos a peneira é usada?

_____

_____

_____

A ORIGEM DA ROÇA

A história sobre a origem dos alimentos inicia dizendo que existia um espírito que deu origem aos alimentos, esse espírito é chamado de Kupeirup. Trata-se do espírito de uma mulher que vivia no cerrado onde nada produzia e se alimentava apenas de inajá e tucum.

O espírito vendo a necessidade de alimentos, seus filhos estavam passando fome, pediu para que procurassem um lugar arenoso, bom para produzir alimentos. Os filhos com muita curiosidade, não desistiram perguntaram, onde iam arrumar sementes, o espírito disse que eles precisavam fazer uma roça bem grande e depois explicaria onde tirariam as sementes.

Então os seus filhos obedeceram a sua ordem, fizeram a derrubada para o lugar da roça. Depois perguntaram para ela, o que fariam e ela os orientou para levá-la para o meio da roça e colocarem fogo, seus filhos acharam estranho e ela explicou que através dela iria sair várias sementes e também disse que depois disso iria se transformar em paca, ficaria na beira da roça.

Também ordenou que eles fizessem um xiri (cesto feito de cipó), depois deveriam colocar o xiri na boca de um buraco na roça. Nesse lugar onde, fosse colocado o xiri seria a sua morada, onde iria morar quando ela entrasse no xiri, entraria transformada em paca.

Quando ela saísse do buraco transformaria novamente em um espírito de mulher, também pediu que seus filhos ficassem quinze dias sem ir na roça, depois de quinze dias retornariam para o lugar e as sementes estariam nascendo.

Depois da primeira chuva, era a chegada a hora da colheita, mas tinham que esperar as maritacas pousar por cima da casa. Esse era o aviso e só assim, iriam saber o momento da colheita dos alimentos.

Os filhos ouviram os pedidos da mãe, levaram ela para a roça e a deixaram no meio da roçada queimando, ficaram tristes e foram embora para aldeia onde ficaram a esperar.

Passando os três meses, veio a chuva, ficaram alegres, mas não sabiam o jeito que iriam nascer as sementes. As maritacas passaram

voando em cima aldeia e os filhos foram ver como estava a roça, quando chegaram na roça depararam com muita fartura, batata, cará, inhame, feijão, milho, amendoim entre outros, foram esses os alimentos que se transformaram em sementes da origem da mulher.

Cada uma dessas plantas faz partes do corpo feminino, quando os filhos chegaram, na roça escolheram alimentos selecionando as sementes para não deixar perder. Depois foram à procura de sua mãe e a encontraram na roça em forma de paca, conforme foi dito.

Porém, não colocaram o xiri no buraco conforme ela havia pedido, eles pegaram um pedaço de pau cutucando a paca dentro do buraco, ela saiu assustada correndo, pulou na água e não conseguiram pegá-la, disseram entre si que ela havia saído correndo assustada porque eles não tinham feito o xiri como ela havia pedido, por isso ela não iria mais voltar, ficaria para sempre transformada em paca. Até hoje a paca continua morando na beira da roça, dos lagos e dos rios.

Depois disso seus filhos foram cultivando os alimentos, não passaram mais fome e deram sementes para outras pessoas de sua aldeia e de outras aldeias. Continuaram a fazer a roça e plantando para não perder as sementes que a mãe Kupeirup o espírito da roça deixou para o povo Kawaiweté.

O cará veio da cabeça da Kupeirup, o amendoim do intestino, o margarito e o inhame dos dedos, o feijão da vagina, o milho saiu do dente e a batata saiu da perna.

Nessas histórias traz a relação de nosso povo com os alimentos, contá-las para as crianças é uma forma de manter nossa cultura e os nossos conhecimentos, faz parte da sabedoria de nosso povo, e a escola tem sido um lugar de estimulo de aprendizado e fortalecimento da cultura, pois a roça faz parte da nossa sabedoria passada de geração em geração, como também o consumo dos alimentos produzidos e consumidos podem nos proporcionar uma vida mais saudável.

Professora: *Cezarina Krey Leite Tukumã*

ATIVIDADE

1 Você já conhecia essa história?

_____

2 Por que a Kupeirup quis se transformar em alimentos?

_____

_____

_____

3 Faça o desenho dos alimentos que a Kupeirup se transformou e escreva o nome de cada um em baixo do desenho.

4 – Quais desses alimentos você mais gosta?

_____

_____

A MENINA JEROWA'GI

Nasceu uma menina e sua mãe deu o nome de Jerowa'gi , quando pequenina Jerowa'gi costumava ficar de costas para as pessoas, porém observando atentamente e depois se punha a imitá-las.

Jerowa significa "que fica olhando para trás e reparando os outros". Jerowa'gi pode ser traduzido como "reparadorinha", alguém que gosta de observar e "reparar" o modo de falar e de se comportar das pessoas para depois imitá-las ou fazer chacota.

Para o povo Kawaiweté se uma pessoa tem vergonha de receber visitas e fica de costas quando o visitante chega, o visitante pode falar mal da pessoa dizendo que é alguém que tem olho nas costas "kupe ea, que quer dizer "olho nas costas' ".

Professora: *Durcivania Kawit Kayabi*

ATIVIDADES

1 Como era o nome da menina?

_____

2 Qual o significado do nome da menina?

_____

3 Faça um desenho ilustrando a história.

A CABAÇA KANAFÕ

A cabaça é um fruto de uma planta chamada cabaceira. Os indígenas fazem uso da cabaça para várias coisas: como vasilha para servir ou guardar alimentos, como moringa para transportar água, como cuia para beber água e mingau, para fazer brinquedos, como instrumento musical (chocalho) e outros.

Na cultura Kawaiweté, a esposa é comparada à cabaça. Assim como a cabaça é feita para ser utilizada, a mulher foi feita também para ser útil ao esposo em casa.

O esposo, por sua vez, na cultura Kawaiweté, também é útil à sua esposa como "ponta de flecha". Nunca se fala diretamente "cabaça e ponta de flecha, mas sim "esposa e esposo" A frase é assim:

— Ene 'ga rekanafũa. – Você é a cabaça dele. (esposa)

— Kawaruu 'ga ene ru'yp we'ẽma. – Kawaruu é sua ponta de flecha. (esposo)

Professora: *Edelucia do Carmo Tewit*

ATIVIDADES

1 Ligue as palavras escrita na língua Kawaiweté para a língua portuguesa.

Waiwĩ	Ponta de flecha
Kanafũ	Cabaça
Ru'yp	Onça
Miat	Velha
Tapi'ira	Marimbondo
Tapiukap	Anta

PIRAKU'I

"Piraku'i" é o nome dado a uma espécie de coruja que tem suas penas parecidas com o pó de peixe, seus pelos são bem fofinhos e macios. O "piraku'i" é um tipo de comida da culinária Kawaiweté em que se conserva o peixe armazenando-o em forma de pó. Primeiramente o peixe é assado na brasa.

Em seguida, o peixe assado é colocado em uma bacia ao fogo e, sempre mexendo até ao ponto de ficar parecido a um pó ou penugem bem fininha e clara.

Assim como o peixe desidratada e fica parecido a penugem e fofinho, este tipo de coruja peludinha recebe o nome de "piraku'i" porque é parecido com este tipo de comida.

Professor: *Nilson do Carmo Sirayup Kayabi*

ATIVIDADES

1 Faça o desenho da coruja e de como é feito o pó de peixe.

2 Faça um texto falando qual comida feita de peixe que mais gosta e se sabe como é feito.

3 Quais os nomes de peixes que você conhece?

A ORIGEM DA NOITE

Muitos povos e religiões buscam explicar a origem do mundo e dos fenômenos da natureza por meio da intervenção dos deuses e de outras divindades. No início do mundo tudo era mal feito, não tinha a noite, só existia o sol, o dia não tinha fim.

As pessoas trabalhavam sem parar, até que um dia o pajé pensou em mudar. Ele pegou duas cabaças de amendoim, uma com amendoim branco e outra com amendoim preto. Primeiro ele quebrou a cabaça com amendoim preto, e a noite chegou. Ele quebrou a cabaça de amendoim branco, e o dia clareou.

Por isso é que temos o dia e a noite.

Professor: *Esmeraldo Myau Kayabi*

ATIVIDADES

1 Na sua opinião, como seria o mundo se o dia nunca acabasse?

_____

_____

2 Você sabe para que serve o período da noite?

_____

_____

3 Na aldeia o que as pessoas fazem durante o dia e o que fazem a noite? Discuta com os colegas.

_____

_____

_____

_____

4 Você gosta mais do dia ou da noite? Por quê?

_____

_____

_____

ALFABETO

LETRAS MINÚSCULAS

a, ã, e, ẽ, f, g, gâ, i, ĩ, j , k, kw, m, n, o, õ, p, r, s, t, u, ũ, w, ù , y, yâ.

1 Complete com as letras que faltam.

a			ẽ	**f**		gâ			**j**		**kw**
	n			**p**			**t**		**w**		
yâ											

LETRAS MAIUSCULAS

A, Ã, E, Ẽ, F, G, GÂ, I, Ĩ, J , K, KW, M, N, O, Õ, P, R, S, T, U, Ũ, W, Ù , Y, YÂ.

2 Copie o alfabeto.

_____

_____

Letras minúsculas

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j,k, l, m, n, o, p, q, r, s, t , w, v, x, y, z

1 Maria fez uma lista de frutas para ir coletar na mata e nos arredores de sua casa. Organize a lista de Maria em ordem alfabética.

a - açaí _____

j - jatobá _____

m - murici _____

i - ingá _____

c - cacau _____

g - goiaba _____

b - banana _____

p - patoá _____

Letras maiúsculas

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, W, V, X, Y, Z

2 Pesquise na aldeia, em jornais ou revistas nomes de pessoas que iniciam com dez letras que estão no alfabeto e escreva no espaço abaixo.

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

Professora: *Dilma Maria Mani*

VAMOS TRABALHAR COM O NOME DAS FRUTAS

Escreva na lígua portuguesa o nome das frutas a baixo das imagem:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

Professores:
Nilson do Carmo Sirayup Kayabi
Wilson Sirajup Mendes

CÂNTICOS

NAKUAWÍ´JEE
NAKUAKUAMÍ´JEE PEJEAWÍ (2)
SIKUAFUTAT JANE, JANE MARAKA (2)
ESAKE NAKO JANE MARAKA (2)
KAWAIWETWRAMU JANE MARAKA (2)

NAJEAMÍ
NAJEAMÍ TE MARAKA UPE
TE PEJEROKAU MARAKARE
ÍFUTARUKA TORYWAUPÉ
NAJEAMÍ, NAJEAMÍ MARAKARE
PEJEPEJUA KAWAIWETE, MARAKARE
JAJEROKY JAWU

Akusi

AKUSIEE JAWU RAKU´E
KEPE KE EKAP JAWU GÃ UPE
PEU TE NIPO NERUWA REKO´I
JAWUEE WAY´RA UPE.

Peje pejua Kawaiwete

PEJE PEJEJUA OREPYRI KAWAIWETE
AWAMU NAKO ORERUWINU
KAWAIWETE RAMU ORERUWINU
TURARAREGÃ UA RAKUE
NÃNIGI PEJEROKY JAWU RAKUE
KAWAIWETERAMU JAWU RAKUE
HUM, HUM HUM.

OMOMIMI JE ´YAFUA
OKWAARA PYPE OMOMIGANU

KAWAIWETE ´YAFUA OMOSINIRA´E
OMOSINIRA´E AMARAKA PYPE

TEJE MARAKA RA´ANG JANUWEI
MARAKA RA´ANG AMUNAWIPE
MYTUA RAWUSE
OMOPORESAK JUKAT JE TEJE

NAJE JEROKY AWAMU RA´E
YAFUA POJEA JE ARAJEROKY

SAJA TYKA JANE KAWAIWETE
SAJA TYKA JANE YAFUARE

NARAKU´AWI ORE PEJE FUTARAWI
SIKUA, FUTAT JANE, JARE MARAKA

ESAGE, NAKO JANE MARAKA
KAWAIWETE RAMU JANE MARAKA

A´U TE PE KO KAWAIWETE
A´WAMU NOKO ORE RUWINU
ORERORYP ORE RUWINU
MARAKA RE OROJUPANU

Professores:
Jair Anderlei Mani da Silva,
Arlene Santana Francisca,
Nilson do Carmo Sirayup Kayabi
e Rodrigo Sirajup Mendes Tamaná

1ª CONFERÊNCIA

1. Botsuana - Borduna
2. Saias
3. Cinto Kawaiweté, usado somente pelos homens
4. Peneiras

RESUMO

A Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso", resulta do trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores indígenas em parceria com não indígenas vinculados às IES que constituem a Rede ASIE-UFMT: UFMT (Cuiabá), Unemat (Sinop e Juara) e UFR (Rondonópolis), em sua terceira edição. Nesta etapa incluímos 11 novos livros aos 14 já publicados pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola realizado com apoio do MEC. Os livros são dos professores indígenas para suas respectivas escolas: Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku, Terena, Bororo, Balatiponé/Umutina, Chiquitano, Xavante e Kurâ-Bakairi. O trabalho expressa a força do Esperançar indígena em tempos tão complexos e sombrios, enfrentados coletivamente no período de pandemia pelo Covid-19. Os livros, como material didático voltado à realidade sociocultural e linguística, visam valorizar epistemologias próprias como direito à Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada para cada aldeia e Povo Originário.

Beleni Saléte Grando
Coordenadora do ASIE – Rede UFMT

ISBN: 978-65-86743-61-6
9 786586 743616

FUNDAÇÃO UNISELVA
UFR UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado
COEDUC
UFMT
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL